

ANNO DE 1815.

NUM. 97.

IDADE D'OURO



DO BRAZIL.

Terça feira 3 de Dezembro.

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

So e Miranda.

B A N T A.

Resumo das ultimas noticias da Europa.

H Uma boa porção das Tropas *Austriacas*, que estavaõ na *França*, tem marchado para a *Italia*; e para supprir a sua falta tem entrado de novo na *França* alguns reforços de *Russos*, e *Prussianos*.

A *Praça de Haninga* capitulou finalmente com os *Alliados*, e ficou em seu poder.

O total de tropas *Alliadas* residentes na *França*, segundo o *Jornal de Harlem*, monta a 89000 homens; e a pesar deste excessivo numero não tem sido possível pacificar as discórdias civis. Não ha dia, em que não soffraõ os *Alliados* ataques, e insolencias, que sempre terminaõ por mortes de huma, e outra banda.

Dizem, que o *Rei de Hespanha* cede as duas *Floridas* ao *Governo Inglez*, e que os *Estados Unidos d'America* estaõ indispostos por isso. Preparavaõ-se na *Inglaterra* 30 Regimentos, que deviaõ embarcar para a *India*. Já se arvorou na *Corsega* a bandeira do *Rei*. As Tropas *Hespanholas*, que penetraraõ a *França*, tinhaõ-se retirado em boa harmonia para o seu terreno; e os *Francezes* gavaõ muito a sua disciplina.

Os Collegios Eleitoraes trabalham incessantemente na França para que a Nação não se despenhe nos abysmos de huma anarchia universal, que será a sua total ruina. Não nos he possível pintar o espirito publico daquelle Nação nas actuaes circumstancias. Do Jornal dos debates extrahimos o seguinte artigo, que serve muito para se calcular a situação politica da França.

Os Sofismas que severamente atacam manifestamente as bases fundametaes da Sociedade não são ainda os mais perigosos de todos; os mais prejudiciaes que pôde haver são aquelles que se encobrem debaixo de algum pretexto de utilidade e justiça, e que procuram, com esta apparencia enganosa, desencaminhar as opiniões até mesmo dos homens de probidade. Como nem todos podem estar sobejamente acautelados contra estas perfidas suggestões, que a pouco e pouco vão alterando a Moral pública, e destruindo assim a principal garantia das nações, talvez não seja inútil patentear hum erro que tem, ha dias, grassado nos nossos periodicos, e no público, e que parece achar dispostos os animos e deixallo passar sem contestação. Alludimos á opiniaõ muitas vezes expressada, mas nunca discutida, de que o perjuro dos funcionarios públicos que se ligaram ao systema de *Bonaparte*, convencidos da sua proxima queda, he hum acto que merece indulgencias, e, até certo ponto, mesmo estimacão; isto no intuito, de que a momentanea dedicacão desses funcionarios estorvou huma perigosa mudanca na administração e nos tribunaes; e que os lugares tão felizmente desempenhados por homens honrados, não podiaõ nas mãos de hum tyranno vir a ser os instrumentos das crueis proscricões que elle meditava. He verdadeira esta hypothese quanto aos factos particulares que apontamos, e he certamente felicidade que homens de character, aliás estimavel, estivessem collocados, por útil condescendencia, entre a tyrannia e o povo; mas não se deve d'ahi concluir que a utilidade de huma acção seja a norma da moralidade da mesma, ou que nada se haja de ter em consideracão relativamente a acto algum senão as vantagens que d'elle resultaõ. Esta accepção transtornaria todos os principios sociaes, e que guiaria necessariamente á sua dissoluçãõ. Se houvesse hum paiz no *Globo* em que a falta local ou temporaria de individuos determinasse o comportamento dos Corpos constituídos, em prejuizo das eternas leis, e d'aquella invariavel ordem, que regem as nações, todo o homem de bem deveria abandonar com horror semelhante paiz, e procurar antes debaixo das choupanas dos povos selvagens o socego e a liberdade. Como *Francez* e como cidadão de 1815, eu me congratulo de que homens dotados de generosos sentimentos hajaõ imaginado que podiaõ fazer o intrepido sacrificio de sua consciencia á segurança de seus concidadaõs, e ao livramento dos opprimidos; reconheço nesta abrogacão huma especie de virtude que seria injusto negar-lhes; mas não posso approvar no mais absoluto sentido essa virtude de circumstancia e convenção, e fixalla como exemplo que se deva seguir em todos os futuros tempos. Em moral só he verdadeiro aquillo que he de eterna verdade, e nenhuma acção pôde ser justificada por seus motivos quando em si mesmo não he boa. Não tenho em vista, torno a repetir, indicar e expôr ao desprezo ou á aversão homens de probidade, ou classe alguma de Cidadãõs que possaõ ter sido enganados por excellentes intenções, e aos quaes todos nós devemos mais ou menos obrigações, as quaes se não podem esquecer sem

mostrar ingratião; porém sou de parecer que todos nós devemos sempre voltar para a verdade, e que jámais isto foi de tanta utilidade como no fim de huma revolução, em que tantas idéas falsas tem predominado.

Sim, todos devemos dar graças ao Céu, de que hum de vós haja sido huma pequena porção dos nossos Collegios Eleitoraes, outro, nosso Prefeito, outro, nosso Juiz; porém he incontestável que vós o não devieis ser. Talvez que a França fosse mais infeliz sem a vossa animosa opposição, sem a moderação das vossas medidas, sem a tolerancia dos vossos principios; e que todos os vossos actuaes interesses fossem compromettidos ou destruidos pela vossa repulsa: porém os immutaveis interesses do mundo não terião sido postos em problema; as constituintes leis da civilisação não houveraõ sido violadas, teria o crime unicamente servido o crime, e nós não apresentariamos á Historia o doloroso escandalo da mais odiosa usurpação, reconhecida de facto por algumas pessoas benemeritas. Note-se que esta affronta he a mais cruel, e a mais inenravel das nossas feridas; e ver-se-ha que até a pessoa mais filosoficamente disposta ha de quasi perder a esperanza de ver regenerado em sãos principios hum Povo, entre o qual foi Bonaparte reconhecido por outros incendiarios e assassinos como elle.

Estamos necessitados de huma nova creação de moralidade social, e para esse fim devemos fazer hum movimento retrógrado, sem embargo do pretendido adiantamento do seculo, o qual tem realmente melhorado em tudo o que he frivolo e ligado com a imaginação e espirito do homem, mas tem decahido em tudo o que toca á sua consciencia e razão. Concordemos pois todos que a traição he traição; que o perjurio he perjurio, seja qual for a apparencia de virtude com que se apresentem disfarçados; e que nada pôde salvar o homem na sociedade senão a verdade e a liztura. Se se permittirem pretextos á infidelidade, desculpas á falsidade, e condições aos juramentos, estamos perdidos. A experiencia dos seculos prova, que onde quer que cessar a religiosa observancia das obrigações civis, não pôde haver Governo nem sociedade firmemente estabelecidos.

O interesse de hum povo he immenso na balança da razão; deve preferir a tudo, excepto á justiça, e á verdade. Os Sabios da antiguidade não perguntavaõ se huma couza era proveitosa; perguntavaõ se era justa. Os nossos mesmos progenitores tinhaõ tambem esta deviza, que a moderna Politica e a moderna Filosofia não tem excetido: *Faze o teu dever; succeda o que succeder.* O pretexto que hoje em dia se allega he admissivel em hum tempo particular, e deve este privilegio á estranha desordem que transtornou todas as nossas idéas durante a confusão de 25 annos, de que huma nova creação politica tanta difficuldade acha em se desentranhar; mas em qualquer outro caso, podemos estar certos que não ha emprego tão baixo, commercio tão infame, especulação tão monstruosa que se não possa paliar com a mesma côr, e justificar pelo mesmo paradoxo. Não deixemos semelhante véo especioso á ambição e á cobiça; nem tenhamos repetir muitas vezes aos que dispõem da nossa sorte a antiga lição dos nossos antepassados: O' Homem, sejas quem fores, revestido pela patria para a preservação do Corpo politi-

co, ou para a defeza da mesma patria, Ministro, Legislador, Administrador, Juiz, ou Soldado, *faze o teu dever, succeda o que succeder.* — Ninguém pôde enganar com honra.

Entráão neste Porto as Embarcações seguintes:

Em 29. De Lisboa, o Bergantim *Duque de Victoria*, Mestre *Francisco Pires Baptista* 45 dias de viagem, carga varios generos. Dono *João Baptista Gonçalves*.

Em dito, Do Rio Grande, a Sumaca *Gloria*, Mestre *Luiz Rodrigues Praes*, 27 dias de viagem, carga carne, cebo, e couros. Dono *José Gomes de Amorim*.

Em 30. De Liverpool o Brigue Inglez *Mariana* Mestre *Jorge Ritson*, 31 dias de viagem, carga sortimento. Correspondente *Moirs e Companhia*.

Em 30. Da Villa Nova Real d' El Rei, a Sumaca *S. José Americano*, Mestre *José Francisco Nanes*, 3 dias de viagem, carga farinha, madeira, pedras de amolar, couros, feijão, milho, caruá, azeite de mamona, sola, e algodão. Dono *José Francisco*.

Em 30. De Lisboa, o Brigue *S. João Protector*, Mestre *Manoel Cardoso dos Santos*, 39 dias de viagem, carga varios generos. Dono *João Dias Coelho*.

Em 2. de Dezembro. De Lisboa, a Galera *Tamega*, Mestre *Marcos José Dias*, 27 dias de viagem, carga varios generos. Dono *Joaquim Antonio Ribeiro*.

Embarcação que está a sair.

Para a Capitania do Espirito Santo, a 9 de Dezembro, a Sumaca *Estrela*, Mestre *Manoel dos Santos Braga*. Dono *João Pinto Ribeiro*.

A V I S O S.

Na Loja da Gazeta se acha huma quantidade grande de Livros novamente chegados de Lisboa, os quaes se tarão públicos por Catalogo.

Francisco Ferreira da Gama, e *Justinianno Cordeiro de Araujo Feijó*, fazem Público, que elles como Administradores da casa do falido, e fallecido *Francisco de Paula Guerra*, se achão authorisados para ajustarem todas as contas da mesma casa: assim como de fazerem as cobranças da mesma.

Quarta feira ás 8 horas da manhã, se ha de fazer leilão no Trapiche novo; de cabos de linho de patente, ferro, ancoretas, mangas de vidro, copos, e garrafas &c.

Quem quizer carregar para Angola em a Sumaca *Sinceridade*, fale com *Adriano de Araujo Braga*.

Com Permissão do Governo.

BAHIA: NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.